

POEMA ULISSES: O NUMINOSO NO CANTO LÍRICO/ÉPICO DA NACIONALIDADE LUSA

Emanoela Luisiana Pereira
Valdeci Batista de Melo Oliveira

Universidade Estadual do
Oeste do Paraná - UNIOESTE.
Mestranda do Programa de Pós-
Graduação em Letras

Universidade Estadual do Oeste
do Paraná - UNIOESTE.
Professora de Pós-Graduação em
Letras. Orientadora.

A

Resumo

imagem de Ulisses permanece no imaginário de muitos, e seu impacto na literatura tem rendido estudos valiosos, pois se trata de um mito que em muito ultrapassou os limites geográficos da cultura e da civilização mediterrâneas, de que constitui, porventura, a mais importante configuração simbólica. No que tange à Literatura Portuguesa, o mito de Ulisses está diretamente ligado à fundação de Lisboa por acreditarem que o herói épico, após a guerra de Troia, teria aportado em terras portuguesas, fundando Olissipo, a atual Lisboa. Tal fato se evidencia, por exemplo, na obra de Fernando Pessoa, **Mensagem**, obra na qual o autor cita o mito de Ulisses em um único poema, porém não diminuindo sua importância, uma vez que o mitológico personagem abre a galeria das figuras heroicas portuguesas. Assim sendo, o presente estudo objetiva analisar o poema Ulisses, da obra **Mensagem**, na qual o poeta português Fernando Pessoa ostenta estatura para ser considerado um moderno representante do Orfeu lendário, com a ressalva de que o vate luso se percebia obrigado a viver sem a potência mítica do mestre e por isso preso à necessidade humana de se submeter às leis da plausibilidade, percepção que o levou à melancolia, não por uma Eurídice, mas pelo decadentismo cosmopolita do *fin-de-siècle* e pela estética do choque na absorção frenética do dinamismo da vida urbana, conforme o proposto pela teoria de Walter Benjamin. Dentre os teóricos utilizados para nosso estudo, destacamos ainda Alfredo Bosi, Benedetto Croce, Antônio Cândido e Theodor Adorno.

Palavras-chave: Poesia. Mito. Ulisses. Fernando Pessoa.

1. Considerações iniciais

Portugal, no período em que Fernando Pessoa escreve a obra **Mensagem**, encontrava-se convulso, decadente e sem rumos por questões políticas. O autor, frustrado com a conjuntura da época, busca formas de resgatar o brio português, a honra e o patriotismo lusitanos, perdidos até então em meio a tantos descontentamentos. Diante desse contexto de decadência, fazia-se necessário retornar à poesia mitológica para “trazer de volta a grandeza dos fatos heroicos, que foram praticados pelos homens” (BOSI, 2000, p. 170). Assim, Pessoa escreve a obra **Mensagem**, dividindo-a em três partes: “Brasão”, “O mar português” e “O encoberto”. É na primeira parte, na galeria dos heróis, que Pessoa cita, em seu primeiro poema, Ulisses.

ULISSES
O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre. (PESSOA, 1992, p. 31)

Dividido em três estrofes, o poema é formado por quintilhas de versos de sete e de quatro sílabas, num esquema de rimas predominantemente cruzadas e pobres.

2. A poesia e o mito

Exímio na poesia lírica, o poeta português Fernando Pessoa ostenta estatura para ser considerado um moderno representante do Orfeu lendário, com a ressalva de que o vate luso se percebia obrigado a viver sem a potência mítica do mestre e por isso preso à necessidade humana de se submeter às leis da plausibilidade, percepção que o levou à melancolia,

não por uma Eurídice, mas pelo decadentismo cosmopolita do *fin-de-siècle* e pela estética do choque na absorção frenética do dinamismo da vida urbana, conforme o proposto pela teoria de Walter Benjamin. De fato, é sabido que, desde Baudelaire, uma grande prostração melancólica contaminara os grandes poetas, aprisionados nos centros urbanos.

Pessoa responde a essa prostração e às intempéries da civilização moderna com a força e as armas da sua lira poética. Assim, seu livro de poesias épicas **Mensagem** [1934] é sua resposta épico-lírica com que tenta injetar ânimo à decadência, doando a si mesmo e à pátria portuguesa um sentido novo, uma esperança que a ambos, o poeta e a pátria, esfumam-se nas evidências do presente imediato.

Por meio da obra **Mensagem**, Portugal poderia reviver as virtualidades do passado “como um alto pendão de Império” a descortinar condições de possibilidades no nevoeiro do presente (PESSOA, 1986, p. 72). Desse modo, o poema resgata a figura mítica de Ulisses, fundador da lendária Olissipo e, por meio dela, o poeta Fernando Pessoa configura a crença nas forças míticas, afirmando no primeiro verso: “o mito é o nada que é tudo”. Será com as forças míticas dessas figuras ancestrais que o poeta (re)construirá as imagens grandiosas do percurso nacional, com elas buscando conjurar outras possibilidades de regeneração do vivido.

De fato, com a feitura do poema em tom de contemplação lírica e visionária, descortinam-se as possibilidades de se vislumbrarem as antigas glórias de “Império”, ocultas no nevoeiro da melancolia decadentista e do espanto perante a carnificina da Primeira Guerra Mundial. Glórias que, se impossíveis de serem (re)escritas dentro da efetividade político-social, podem, ao menos, colorir o espaço fantasmático do sonho do utópico, mediante o qual se poderia retornar a um passado atemporal, a uma realidade perene que transcendesse o solo fugaz da historicidade e do cognoscível.

Do alto desse sonho épico, tornam-se visíveis o caráter e a função dados ao mito como sustentáculo da libido do poeta que, em **Páginas Íntimas**, já afirmava: “desejo ser um produtor de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” (PESSOA, 1986, p. 567). Se esse desiderato expõe a atitude do poeta para com o mito, aqui definido como mistério, também expõe a problemática do papel do mito na cultura desde que o Iluminismo iniciou o processo

de desencantamento do mundo. Conforme o proposto pela retórica, o verso “o mito é o nada que é tudo” é construído em forma de asseveração. Por sua vez essa asseveração é formada de um período composto por subordinação, cuja oração principal consiste em “o mito é o nada” e a subordinada “que é tudo” uma oração adjetiva restritiva. Se, na oração principal, o mito é o nada, cerne da concepção disfórica sobre o mito, que começa a ganhar um caráter afirmativo, até mesmo eufórico, na sequência formada pela oração restritiva a voz da lírica se sobrepõe ao nada com a máxima positividade de tudo enquanto substância capaz de colorir o desbotado do presente vivido. Devemos compreender o aspecto elocutivo como possibilidade para a encenação de ambiências em que “as palavras (mais precisamente, seu conteúdo proposicional)” correspondam ao mundo e demarcam determinadas proposições (SEARLE; 1995, p. 4-5).

O conteúdo proposicional, sua inscrição e veiculação, não só diz sobre o mundo, como também faz algo no mundo; não descreve apenas a ação, mas a prática (OTTONI, 2002, p. 9). Destarte, a ideia de ser, como a mais alta abstração a que o mito pode chegar, assevera uma verdade por oposição ao “não-ser”, a verdade do desvelamento. No entanto, a escolha dos termos para a predição torna-a uma exemplificação singular que, pela sua especificidade, nos permite ver o terreno sobre o qual essa asserção é construída. Como é sabido, Fernando Pessoa deu ao verso uma forma lapidar, sentenciosa. Constrói-o com a repetição do “nada”, cujo significado é “nenhuma coisa nascida”, “a plena negação da totalidade do ente”, “o que se opõe ao ser” e nega-lhe um caráter ôntico. No verso ganha substância e, portanto, é um ser que se reafirma no compartilhamento dado pela designação que o artigo definido pressupõe. Já o pronome indefinido “tudo” indica que a figura de Ulisses, que “foi por não ser existido,” ganha força para alimentar o imaginário português. Estamos então, diante de semas contrários, porém forçados a uma união paradoxal, capaz de formar conjunto do disjunto, como é próprio do paradoxo, enquanto figura de pensamento, que constrói o poema pela mestria de sua poética. Por isso, o discurso lírico desse poema permite-nos ilustrar o espaço do questionamento proposto por outro discurso, aquele que, desde o racionalismo jônico, afirma, mas, ao mesmo tempo, questiona a verdade do mito, numa oscilação que chega até os nossos dias.

Concomitantemente, o verso de Pessoa expõe as complexas e contraditórias nuances das várias formações discursivas que,

a partir do Iluminismo, em seu projeto de desencantamento do mundo, empenham-se no debate histórico em torno da categoria mito e em torno de seu campo lexical. O próprio poeta, ao construir o verso em forma lapidar, está, à maneira dialética, procurando sobrevoar essas formações discursivas anteriores de modo a ultrapassá-las com as armas estético-filosóficas.

3. Considerações finais

A figura lendária do navegador errante foi o suficiente para que o povo lusitano se projetasse na grandeza que tem e ainda pode ter. Ulisses é o elemento inspirador na edificação de um império, cujo centro seria Lisboa. Fernando Pessoa, conhecedor da história de seu país, prevê a sua decadência oferecendo então a salvação, o refúgio por meio da poesia, confirmando assim:

o grande encanto da ficção está justamente em proporcionar ao leitor a conquista desse mundo novo, singular e único. Se não fosse a literatura – poesia, ficção – nada saberíamos do mistério individual dos outros, do seu mundo interior, da multiplicidade psicológica do homem” (MEYER, 1986, p. 8).

Assim sendo, o que importa, não é a existência ou não de Ulisses, mas aquilo que ele representa: uma possibilidade, o sonho de uma Lisboa gloriosa, fundada por um herói épico que povoa o imaginário de todos.

POEM **ULYSSES**: THE NUMINOUS IN THE LYRIC/EPIC SONG FROM PORTUGUESE NATIONALITY

ABSTRACT

The image of Ulysses remains in the imaginary of many and its impact in Literature has yielded valuable studies, because it is a myth that far exceeded the geographical limits of Mediterranean culture and civilization, and perhaps constitutes the most important symbolic configuration. Regarding Portuguese Literature, the Myth of Ulysses is directly related to the Foundation of

Lisbon for the belief that the epic hero, after the War of Troy, would have arrived in Portuguese lands, founding Olissipo, today Lisbon. This fact becomes evident, for example, in the work of Fernando Pessoa, **Message**, a work in which the author cites the Myth of Ulysses in a single poem, but not diminishing its importance, since the mythological character opens the gallery of Portuguese heroic figures. Therefore, the present study aims to analyze the poem "Ulysses", from **Message**, in which the Portuguese poet Fernando Pessoa can be considered a modern representative of the legendary Orpheus, with the proviso that the Portuguese bard felt obliged to live without the mythical power of the master and, therefore, attached to the human need to submit to the laws of plausibility, a perception that led him to melancholy, not for Eurydice, but for the cosmopolitan decadentism of the *fin-de-siècle* and the aesthetics of shock in the frenetic absorption of the dynamism of urban life, as proposed by Walter Benjamin's theory. Among the theorists used for our study, we also highlight Alfredo Bosi, Benedetto Croce, Antônio Candido, and Theodor Adorno (1982; 2003).

Keywords: Poetry. Myth. Ulysses. Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: ADORNO, T. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 193-268.
- ADORNO, T. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1982.
- BOSI, A. Poesia-resistência. In: BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 163-227.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.
- CROCE, Benedetto. **Aesthetica in nuce**. Adelphi: Milano, 1994.
- MEYER, A. Do leitor. In: **Textos Críticos**. São Paulo: Perspectivas, 1986. p. 3-9.
- OTTONI, P. John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem. In: **Revista Documentos em Linguística Teórica e Aplicada**. São paulo: PUCSP, n.18, p.117-143, 2002.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1972.

PESSOA, Fernando. **Obras completas (Prosa)**. Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Aguillar, 1986.

SEARLE, J. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Recebido em: 03/06/2015

Aceito em: 05/11/2015